

MERCADO BRASILEIRO DE DI-ÓXIDO DE TITÂNIO

Em julho último, foi editado e distribuído mais um estudo monográfico do Departamento Econômico do BNDE, relativo ao "Mercado Brasileiro de Di-óxido de Titânio". A monografia — primeira de uma série sobre produtos químicos básicos — foi elaborada pelo Setor de Indústria Química da Divisão de Estudos Setoriais do D.E., tendo sido grande a sua procura por parte de órgãos públicos, empresas e pessoas interessadas no assunto, achando-se a edição respectiva totalmente esgotada.

O estudo focaliza, de início, os principais aspectos técnicos referentes ao di-óxido de titânio — pigmento branco de largo emprego principalmente nas indústrias de tintas, vernizes e lacas, de plásticos, esmaltação a fogo, papel, borracha, couros, têxteis, farmacêutica, cosméticos, etc. — sendo examinados, nesta parte, os tipos mais comuns, os setores consumidores, as matérias-primas principais para a sua fabricação, os processos de produção e a tecnologia utilizada.

O capítulo seguinte, reunindo a documentação estatística disponível, estuda o mercado mundial de concentrados e di-óxido de titânio, dando destaque ao mercado norteamericano.

No seu terceiro capítulo, o trabalho aborda, com minúcia, o comportamento recente do mercado brasileiro de TiO_2 , apreciando, de início, os aspectos da oferta desse pigmento. No tocante às importações, o estudo examina o volume, a origem, o destino, os preços e o custo do produto importado. Segundo os dados apresentados, as importações de di-óxido de titânio, pelo Brasil, cresceram de maneira expressiva nos últimos anos, elevando-se de 2.544 toneladas, em 1958, para mais de 7.000 toneladas, em 1963, correspondentes a um valor CIF da ordem de mais de 3,5 milhões de dólares. Em relação aos países fornecedores, o trabalho demonstra que o mercado nacional tem sido suprido de maneira bastante diversificada neste particular, por um número razoável de países, destacando-se a Alemanha Ocidental, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido e Tchecoslováquia, que, em conjunto, respondem por cerca de 99% do suprimento. Para São Paulo e a

Guanabara destina-se a quase totalidade do branco de titânio importado; os mercados do Rio Grande do Sul e Pernambuco absorvem quantidades relativamente inexpressivas no total.

Em seguida, o estudo passa a analisar as condições da produção nacional de di-óxido de titânio, realizada, até agora, exclusivamente pela Cia. Química Industrial "CIL", de São Paulo, cuja produção anual oscilou entre 1.500 a 1.820 toneladas anuais no período 1958/63. Essa empresa opera pelo processo convencional, dispondo de unidade produtora de ácido sulfúrico e trabalhando com ilmenita recebida do Paraná.

Tomando os dados de importação e produção, o trabalho detem-se, a seguir, no exame do consumo aparente nacional de di-óxido de titânio, cujo nível cresceu de 1.698 toneladas, em 1953, para 4.586 toneladas, em 1959, e 8.800 toneladas, em 1963. A participação da oferta interna, que era de 58%, em 1953, decresceu para 19%, em 1963. Utilizando elementos estatísticos levantados diretamente junto à CACEX, a monografia mostra, nesta parte, a provável composição setorial do mercado consumidor nacional, concluindo que o mesmo assim se apresentava em 1962, em termos percentuais: tintas, vernizes e lacas — 45,5%; plásticos — 17,6%; metalurgia-esmaltação a fogo — 4,0%; papel — 1,7%; borracha — 1,6%, e diversos setores — 29,6%. O trabalho aborda, em continuação, os fatores que influenciam a demanda de branco de titânio no mercado nacional.

Em capítulos subseqüentes, são feitas projeções de demanda e de oferta de TiO_2 no Brasil, sendo apresentado, em seguida, um balanço de demanda e oferta prováveis. De acordo com as projeções elaboradas pelo Departamento Econômico, a demanda brasileira desse produto químico alcançará, em 1965, 10.000 toneladas, elevando-se a 18.600 toneladas em 1970. Salienta o trabalho, em continuação, que não existem projetos concretos de ampliação ou instalação, a curto prazo, de fábricas de di-óxido de titânio no País.

Nessas condições, o "deficit" do suprimento a ser realizado através da importação atingirá a mais de 8.300 e 16.800 toneladas,

respectivamente em 1965 e 1970, o que, considerando-se o preço médio do produto verificado em 1963, corresponderá a um dispendio provável de divisas da ordem de US\$ 4,1 e US\$ 8,3 milhões nesses mesmos anos. Em todo o período 1965/70, seriam gastos US\$ 36,1 milhões nas importações do produto.

Em sua parte final, o estudo passa a analisar as amplas possibilidades nacionais de autosuficiência em relação ao di-óxido de titânio, sendo examinadas, neste particular, as reservas brasileiras de ilmenita, os insu- mos no setor, os equipamentos necessários e o seu fornecimento, as economias de esca- la, os investimentos estimados e a economia

MERCADO BRASILEIRO DE CIMENTO — 1946/1968

Dentro do programa de divulgação de estudos monográficos sobre setores e produtos básicos, foi editado e distribuído, em agosto último, novo trabalho elaborado pela Divisão de Estudos Setoriais do Departamento Econômico do BNDE, focalizando o comportamento do mercado brasileiro de cimento comum ao longo do período 1946/68. O estudo foi amplamente distribuído entre repartições, empresas, bibliotecas e pessoas interessadas no assunto, sendo de realçar que a imprensa deu grande destaque ao trabalho, divulgando os principais jornais do País comentários sobre as conclusões do mesmo.

A monografia divulgada compreende, principalmente, uma atualização de estudos sobre o mercado de cimento publicados anteriormente pelo Banco. Por isso mesmo, sua ênfase maior refere-se ao exame das perspectivas do mercado nacional no período 1964/1968.

Analisando a evolução recente do consumo de cimento "portland" comum, no País, o trabalho mostra que o mesmo, no último triênio, cresceu à taxa média de apenas 5,5% ao ano — 6%, 7% e 4%, em 1961, 1962 e 1963, respectivamente — o que representa um acentuado declínio no ritmo de expansão relativamente à tendência observada ao longo do período 1946/60, quando a taxa cumulativa de crescimento anual foi, em média, de 9,7%. Esse declínio reflete a própria tendência da economia brasileira, cuja taxa de

de divisas a alcançar. Segundo conclui o trabalho, o mercado brasileiro de branco de titânio justifica a instalação imediata de uma fábrica com capacidade nominal de produção de 20.000 t/ano, nível em que se obtém ponderável economia de escala.

A publicação insere, ainda, variado e minucioso apêndice estatístico a respeito do mercado de di-óxido de titânio no Brasil e em outros países, bem assim, a título de apêndice técnico, um resumo de pormenorizado relatório preparado pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), a pedido do BNDE, sobre as reservas brasileiras de ilmenita.

crescimento entrou, também, em descensão em anos recentes.

De acordo com o estudo, o consumo nacional de cimento em 1963 elevou-se a 5,2 milhões de toneladas. Em 1960 o consumo fôra de 4,4 milhões; em 1955, de 2,9 milhões; em 1950, de 1,8 milhão e em 1946, de 1,2 milhão de toneladas.

Grupadas as Unidades Federadas em 8 diferentes Regiões geo-econômicas, o mercado consumidor nacional assim se apresentou em 1963: 1.^a Região (de Rondônia ao Amapá) — 61 mil toneladas; 2.^a Região (Maranhão e Piauí) — 16 mil toneladas; 3.^a Região (do Ceará a Alagoas) — 395 mil toneladas, sendo 222 mil toneladas somente em Pernambuco; 4.^a Região (Sergipe e Bahia) — 183 mil toneladas; 5.^a Região (Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara) — 1.191 mil toneladas, sendo 645 mil toneladas na Guanabara; 6.^a Região (Minas Gerais, Goiás e Brasília) — 777 mil toneladas, sendo 77 mil toneladas exclusivamente em Brasília; 7.^a Região (São Paulo, Paraná e Mato Grosso) — 2.202 mil toneladas, das quais 1.952 mil somente em São Paulo; e, finalmente, 8.^a Região (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) — 348 mil toneladas.

Empregando distintas hipóteses de crescimento do consumo de cimento, o estudo oferece, em seguida, três diferentes projeções da demanda nacional no período 1964/68. A 1.^a projeção admite a hipótese de crescimento linear do consumo, segundo uma